

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
BACHARELADO EM TEATRO

CLARA ALVES DE SOUZA

**CRIAÇÃO DRAMÁTICA: Poesias e Escritas Criativas na Construção da
Dramaturgia do Espetáculo “Submarino”**

Manaus

2024

CLARA ALVES DE SOUZA

**CRIAÇÃO DRAMÁTICA: Poesias e Escritas Criativas na Construção da
Dramaturgia do Espetáculo “Submarino”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Teatro.

Orientador(a): MADIRSON FRANCISCO SOUZA

Manaus

2024



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

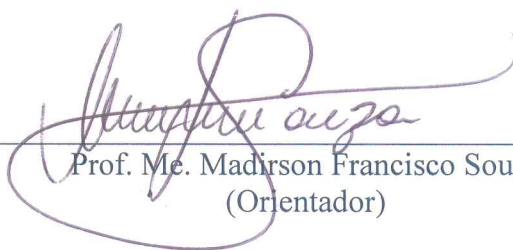
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

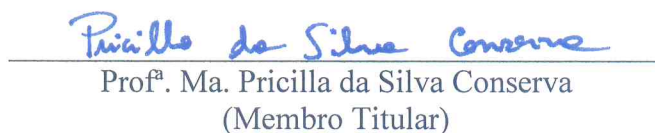
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

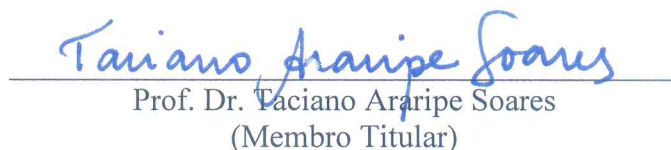


ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às vinte horas, na Sala Dona Maria Eliza Xamego (3º andar), reuniu-se a Banca de DEFESA do Artigo de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teatro, do(a) acadêmico(a) **CLARA ALVES DE SOUZA**, sob o título *CRIAÇÃO DRAMÁTICA: POESIAS E ESCRITAS CRIATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA DO ESPETÁCULO "SUBMARINO"*. A comissão foi constituída, pelos professores (as) Madirson Francisco Souza (Orientador/UEA), Pricilla da Silva Conserva (PPGLA-UEA/SEMED) e Taciano Araripe Soares (UEA). Após arguir o(a) candidato(a), A banca deliberou a APROVADA do trabalho mediante as observações em anexo.

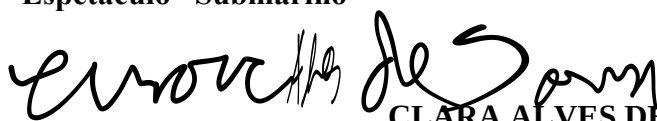

Prof. Me. Madirson Francisco Souza
(Orientador)


Profª. Ma. Pricilla da Silva Conserva
(Membro Titular)


Prof. Dr. Taciano Araripe Soares
(Membro Titular)

here's a toast... to me...

Criação Dramática: Poesias e Escritas Criativas na Construção da Dramaturgia do Espetáculo “Submarino”



CLARA ALVES DE SOUZA¹

MADIRSON FRANCISCO SOUZA²

RESUMO

O artigo “Criação Dramática: Poesias e Escritas Criativas na Construção da Dramaturgia do Espetáculo Submarino” tem como objetivo dialogar com autores, dramaturgos e metodologias na prática da escrita que se desenvolve durante o processo de ensaio. A proposta envolve a exploração da estrutura poética e contemporânea, inserida em características da escrita rapsódica — conceito desenvolvido por Jean Pierre Sarrazac (2002) — e em uma perspectiva autobiográfica segundo Philippe Lejeune (1975), configurando um trabalho voltado para a colaboração coletiva mas também com a procura da própria voz.

Palavras-chave: dramaturgia, escrita, pesquisa, estrutura, fragmentada.

Dramatic Creation: Poems and Creative Writings in the Construction of the Dramaturgy of the Play “Submarino”

ABSTRACTS

The article “Dramatic Creation: Poems and Creative Writings in the Construction of the Dramaturgy of the Play Submarino” aims to dialogue with authors, playwrights and methodologies in the writing practice that develops during the rehearsal process. The proposal involves the exploration of poetic and contemporary structure, inserted in characteristics of rhapsodic writing — a concept developed by Jean Pierre Sarrazac (2002) — and in an autobiographical perspective according to Philippe Lejeune (1975), configuring a work aimed at collective collaboration but also with the search for my own voice.

Keywords: dramaturgy, writing, research, structure, fragmented.

¹ Finalista do Curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT-UEA)
E-mail: clarasouzaultra@gmail.com

² Orientador, Professor da Universidade de Artes e Turismo do Estado do Amazonas (ESAT-UEA)

NUNCA CAMINHEI POR AQUI ANTES

dra.ma.tur.gia sf. 1. Arte dramática; teatro. 2. Arte e técnica de compor peças teatrais. (dicionário Aurélio)

Construir o espetáculo como elemento central exige novas distribuições de função, permitindo que a dramaturgia se torne uma prática de estruturação adaptável. Em “Submarino”, o processo dramatúrgico não se limita a um texto final e fixo, mas se adapta às necessidades e experimentações que surgem ao longo dos ensaios. Este processo dá espaço para incluir elementos variados, como poemas, músicas e fragmentos aparentes desconexos, que são incorporados de acordo com as facetas de cada uma das personagens.

Consequentemente, edificar um espetáculo como um elemento central exige alterações ao nível da distribuição de funções dentro do processo criativo que permitam a constituição do seu discurso. (...). É igualmente desta urgência de encontrar novos modos de construção do espetáculo que cresce a aceção de dramaturgia como uma prática de estruturação. (Pais, 2004: 43)

Uma dramaturgia surge com vasta possibilidades do início ao fim ou do fim ao início, e de formas que estão se sujeitando às necessidades dos processos atualmente, “(...) faça você mesmo a sua peça teatral” (Souza, 2010: 2). Pesquisas de estruturas e formatos da dramaturgia que não conversam tanto com o meu trabalho, não revelam o que procuro ou conversa comigo. O que não muda é o feito de escrever o que precisa ser dito, e envolve coragem. O simples poema de 5 linhas já tivera adaptado para uma peça de teatro, que a duração levou a ser horas e estará sujeito a uma encenação performativa com monólogos, e atualmente, me vejo colocando cinco poemas em uma dramaturgia, a procura das referências reflete muito no trabalho que desejo desenvolver.

“O papel do dramaturgo altera-se, deixando de estar unicamente ligado ao teatro” (Pais, 2004, 36). Sendo de temas que a encenação “Filhas de Maria” tocava, hodiernamente, sobre o feminino e o papel delas na sociedade, reconhece que poderá contar com diversas histórias para quatro atrizes, até mesmo uma estrutura distinta da outra. Enquanto, “Submarino”, coloca em uma perspectiva de estrutura diferente, a narrativa é “singular”, contando uma só e outra história.

“Porque toda a sua atenção está concentrada no detalhe da escrita, na escrita do detalhe. E o detalhe, como é sabido, significa originariamente divisão, converter em pedaços. Logo, o escritor-rapsodo (rhaptein em grego significa «coser»), que junta o que previamente despedaçou e, no mesmo instante, despedaça o que acabou de unir.” (2002: 2).

No livro *O Futuro do Drama*, de Jean-Pierre Sarrazac destaca que os “momentos dramáticos e fragmentados narrativos” que associam as características do teatro Épico, apresenta o conceito do escritor-rapsodo e sua proeminência no desenvolvimento de uma dramaturgia. Enquanto quando pesquisadora e dramaturga, adotando, ainda sem ter consciência da metodologia do rapsódico mas logo, ao identificar as similaridades, foi incrementando aos poucos na estrutura da dramaturgia, que se visa junto com o artigo, no campo de experimentação, em pesquisa qualitativa com figuração autobiográfica.

~~agora deletado mas durante orientador: o quê? eu: nem eu sei~~

Essa pesquisa foi guiada pelas metáforas de terrenos e suas texturas e seus caminhos(literais). Estando parte de dois processos durante a investigação em momentos diferentes durante esse ano, decidi colocar como o primeiro que anteriormente “Filhas de Maria” como o primeiro capítulo chamado “Começos sem Fim”, pois não foi menos importante para a minha pesquisa e da forma que desenvolvo de distintas maneiras a saída de uma fala, por exemplo. Intitulada de aprofundar como foi o bagunçado turbulento processo.

E enquanto ao segundo (“Dois em um”) e o terceiro capítulo (“Sendo Egoísta”), será totalmente para o atual processo “Submarino”, segue uma linha mais “eu” que não havia no anterior, é sobre as diferenças e os próprios encontros que colocamos para o melhor da montagem, não sendo ruins apropriados, mas encontrando um lugar de consciência do seguimento do trabalho. “Dois em Um” explora o dilema entre a escrita biográfica e a ficcional, havendo uma reflexão contínua sobre a autenticidade da dramaturgia e o espaço para a improvisação e as mutações da narrativa, enquanto concilia a visão artística com a parceira criativa no processo “Submarino”.

O capítulo “Sendo Egoísta” finaliza esses rastros do incômodo da escrita, mas sendo parte de um processo do artista, agora e até muito depois, mas entrando em acordo com si mesmos é sobre ser parte de ser um dramaturgo, dentro ou fora das leis das referências da pesquisa e pessoais.

Procurar a sua semelhança aos outros trabalhos mas estabelecer e reconhecer a sua identidade de como o processo teatral é criado desenvolvido nascido, é de relevância pessoal de um caminho a ser analisado durante a trajetória da encenação autoral e como é a reflexão do cenário da dramaturgia contemporânea para o trabalho/pesquisa e a encenação. Procuro na pesquisa a oportunidade de explorar essa identidade, que foi pouco explorada anteriormente. Como falar de trabalhos anteriores na qual não tem os materiais escritos pois foram processos rápidos, não tinham ainda as minhas referências, inspirações ou fatos que irão se transformar naquilo no meu autoral.

“DRAMATURGIA? SIM! COM INOVAÇÕES!”³

1. CAMINHOS SEM FIM

1.1 - Terrenos quase firmes

No momento na qual fiquei comprometida com a dramaturgia da montagem “Filhas de Maria”, na primeira parte do ano de 2024, na verdade, em qualquer montagem, surge aquela pressão em escrever e idealizar com data de validade e, às vezes, acompanhando com o processo, a minha principal relação de constante processo em escrita, em questão de personagem, história e composição de cena foi na experimentação com o grupo FOME⁴, dirigido por Henrique Campelo⁵, no monólogo “Maria Igual às Outras” na qual atuei na terceira edição do Fissura⁶ em outubro de 2023, apresentando como história as dores de uma mãe com os medos de seus últimos momentos com resquícios de lembranças de seu filho, e anseia por sua volta.

O espetáculo foi processo curto, pude estar em todas as etapas de construção como atriz e dramaturgia, ao todo, três partes de monólogos de partes da longa vida da mãe, e a descoberta por esse lugar tão sensível se desenvolveu em práticas, cadernos de processos, músicas e poesias rápidas feitas ainda durante os ensaios, foi o primeiro contato que percebi em outras formas, até desajeitadas de criar uma dramaturgia, não-convencional, as idealizações de quando escreve pode surgir de sentimento não descrito durante os ensaios, pois será outra coisa com os atores; já é pontuado que a criação da arte dos tempos atuais está em constante mudança,

³ Frase original: “OPÉRA, SIM, MAS COM INOVAÇÕES”. Do livro “Estudos Sobre o Teatro” de Bertolt Brecht.

⁴ Grupo de Teatro, no momento, em pausa, anteriormente apresentou em Amostras e curtas.

⁵ Ator, diretor, fotógrafo e videomaker.

⁶ Circuito de Teatro Performativo e Produção Cultural (2023-2024). Projeto de Pesquisa e Extensão do Curso de Teatro da ESAT-UEA.

não sendo o que já é de fato, e é o que era um desejo de explorar o terreno na montagem cênica, “Filhas de Maria”.

Sucedeu-se um processo breve, no qual participei de todas as etapas de construção, tanto como atriz quanto dramaturga. Desenvolvemos três monólogos que refletem diferentes momentos da vida da mãe. A exploração desse tema sensível se manifestou por meio de práticas, cadernos de anotações, músicas e poesias criadas durante os ensaios. Esse foi meu primeiro contato com formas de dramaturgia não convencionais, onde as idealizações surgem de sentimentos não expressos no ensaio, pois a dinâmica com os atores transforma a obra. É importante notar que a criação artística contemporânea está em constante evolução, distanciando-se do que já existe, o que motivou meu desejo de explorar esse terreno na montagem cênica “Filhas de Maria”.

Juntar materiais e tentar algo que condiz um com o outro e de forma espontaneamente nas práticas dos ensaios é um dos maiores desafios, enquanto está responsável pela escrita, não estarei a única criando, minhas colegas da montagem, Juliane Batista⁷ Lua Bentes⁸ e Roberta Lavor⁹ desenvolve de suas próprias maneiras seu roteiro e registros de palavras, em forma contínua. Isso aponta para todos os lados para uma exploração de um terreno, do relacionamento que também cresce e passa por mudanças ao espetáculo de cenas com 2 até 4 *personas* totalmente diferentes e a arte dos monólogos que vai se construindo. A forma que procurei encontrar é o conjunto poético ao todo.

Mas durante os bagunçados ensaios, não deu aprofundamento que o espetáculo “Filhas de Maria” necessitava, especialmente eu que, pessoalmente queria desenvolver, como a área de interpretação e trabalho mental de uma atriz mais aprofundada que em trabalhos anteriores, e depois acabou sendo uma parte, que como outras, mal aproveitadas trabalhadas desenvolvidas ~~focadas~~. E essa falta de foco e estimulação durante os ensaios para criar mais e mais, centrar com mais firmeza essas cenas, se perde, o grupo mutuamente percebe isso e aos poucos se separa, mas também ~~de repente de surpresa~~ abruptamente toma a decisão após a segunda apresentação de cada a seguir para um canto, simplesmente não progredia mais e final. ~~não era um trabalho que~~ ~~bem ao elenco.~~

⁷ Finalista do Curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-ESAT), Colega.

⁸ Finalista do Curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-ESAT), Colega.

⁹ Estudante do Curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-ESAT). Colega.

1.2 –Terra para Água

Durante o recesso acadêmico, exercitei a minha escrita de forma ~~estranha~~ diferenciada, mas quase monótona, era sempre sobre os erros da montagem anterior pois quando me juntei a minha colega Lua Bentes⁸, não queríamos perder parte do processo anterior como atriz e criadora, e decidimos entrar em criação criativa, com histórico de trabalhos anteriores que mesmo por curto período, desenvolveu uma parceria estável para a atual montagem cênica; “Submarino”.

Começa com a idealizações, desejos, metáforas, jogos e ideias se tornam em alguma coisa, que precisa de trabalho, mas precisa ser escrito, pensando como realizar ela em matéria antes de outras etapas, tudo bem, concluímos que o fragmentado das cenas que surgem sendo “soltas” se mostram no desenvolvimento das personagens atuais.

“Submarino” revelará/apresenta o relacionamento de duas irmãs que está mais abalado ultimamente. Elas querem se encontrar, mas uma deseja mais a si mesma, na sua independência que a outra, que não quer nenhuma mudança em suas vidas; pudemos abrir o divertimento de encontrar como contar uma história que nos deixe apegado aos todos os olhares de produção do espetáculo.

Para ensaio para o outro com as referências e idealizações com o aproveitamento de nossas personagens de “Filhas de Maria”, colocamos os conflitos internos que ambas tinham e pudemos ter a chance de explorar com mais vigor, e o título do espetáculo foi uma das decisões mais simples; Submarino com inspiração na canção de Giovani Cidreira¹⁰, “Última Vida Submarina”, que reflete a frustração e desejo de querer mais da vida e tendo pouca realização, com alguém está te segurando, muito, para não deixar ir que se vê presa nesse Submarino.

O papel do dramaturgo altera-se, deixando de estar unicamente ligado ao teatro” (Pais, 2004, 34). Sendo de temas que a encenação “Filhas de Maria” toca hodiernamente, sobre as mulheres e o papel delas na sociedade, sendo um assunto diverso e rico, reconhece que poderá contar com diversas histórias para quatro atrizes, até mesmo uma estrutura distinta da outra. Enquanto, “Submarino”, coloca em uma perspectiva de estrutura diferente, a narrativa é “singular”, contando uma só história, mas não direta ao ponto, ela se desdobra na estrutura que se conta.

¹⁰ Cantor, compositor e arranjador no cenário musical de Salvador-BA.

1.3 - Água para a Lama

A dramaturgia não convencional, nunca tendo o fim, assim como qualquer área de pesquisa teatral, ele nunca acaba, só está revelando sempre, essa é a contribuição da pesquisa de pedaço da dramaturgia contemporânea. Aqui, a multifacetada da narrativa (de ambos os espetáculos) ~~que estavam estão com continuidade de~~ ~~Envolvimento~~), a diversidade e a riqueza de uma escrita se mostra muito mais nos dias hoje, Sarrazac questiona se devemos coroar se a abordagem “poética” inventada de cada um de sua época e depois para “~~acrescentar~~” ~~delimitar, muito~~ já foi dito que já está fixo, dar espaço de análise ao “monstro” textual dramaturgo, estudo de Jean Pierre, sua própria especificidade da contemporaneidade dramaturgica.

Ao tentar adaptar um fragmento de meras 5 (cinco) linhas, observo de como transmite de forma de falas ou uma descrição de uma roupa da última cena, mas que tom de rosa, ou a flor, rosa? Ao escrever “qualquer coisa” qualquer coisa por momentâneo é, às vezes, não saber o que significa, nesse artigo, vemos por partes a construção de uma dramaturgia composto por momentos dramáticos das personagens, sintetizar a costura que é sobre a ideia principal do espetáculo.

Percebemos que ao explorar de ir para água para lama, como algo difícil de sair, mas com uma textura terrosa. queríamos ir mais a fundo do sujo, das possibilidades, e principalmente, a estrutura da dramaturgia começa a ser um ponto muito mais específico de ser abordado que a escrita, pois com se é com algum método, “Nem toda a fórmula é má. Estamos sob a influência de fórmulas” como descreve Marcio Souza em seu livro *Curso da Dramaturgia*, é com as regras que fazemos para nós mesmos que achamos segurança de escrever o roteiro, então por que ainda não fiz a ordem que aparenta ser o “certo?”

2. DUAS TRILHAS EM UMA

2.1 - Sempre duas.

“QUE TÁ FAZENDO?

LIMPANDO A CASA

E O QUE VAI FAZER DEPOIS?

NÃO SEI....O ALMOÇO?

HuM....TEM ALGUMA COISA QUE QUEIRA ME CONTAR. NÃO SEI?

NÃO...VOCÊ TEM ALGO PRA FALAR?

NÃO

ENTÃO O QUE VOCÊ QUER?

SÓ QUERENDO SABER DE VOCÊ, TEM ALGUMA NOVIDADE, OU DESCOBRIU ALGO ?

NÃO, AS MESMAS COISAS DE SEMPRE.

HUM

VOCÊ ESTÁ ESTRANHA....

NÃO É NADA, VOCÊ TEM CERTEZA QUE NÃO QUER FALAR NADA? ALGUMA NOVIDADE? OU UMA CURIOSIDADE, OU ALGUM SEGREDO

EU NÃO TENHO NADA PARA FALAR (incisiva)

ESCURO....

MAIS ALGUMA COISA?

ACHO QUE É ISSO...

TA

TA

TUDO ESCURO, UMA POR CIMA DA OUTRA

QUE COISA ESTRANHA, SERÁ QUE ELA SABE DE ALGO?

ISSO FOI ESTRANHO, POR QUE ELA NÃO QUER ME CONTAR? O QUE EU FIZ?”

(trecho da dramaturgia “Submarino” atualmente)

Sopa de letras no mar: Aponto para esse trecho da dramaturgia atualmente que é simples porém reflete nas personagens precisamente e sua dinâmica de cenas, no lugar de desconfiança e quase reconhecimento sobre suas posições, e foi primeiramente escrito assim,

sem muito o que pensar no depois e antes, foi escrito para o “nada”, parece muito simples, não foi o primeiro rascunho mas entendemos suas personalidades e então, em preencher com propostas das leis do universo das duas personagens. A ordem estava em “ordem” no plano para ser executada, EM SEGUIDA, faríamos mais ideias de fragmentos com as primeiras escritas que surgirem. E surgiram.

Outros trechos, escritos solenemente ~~por essa autora por mim sozinha~~, entrava em análise com uma interrogação, por exemplo...

“SE REJEITO A REALIDADE DA MESMA FORMA QUE ME REJEITAM, SERÁ TÃO MAIS FÁCIL, SE ME DIRIGIREM A MIM UMA VEZ SEM O COMANDO DO QUE DEVO FAZER. SERÁ FÁCIL, OU SERÁ PIOR, NÃO SEI. SOBRE OS PONTOS DE CADA. NÃO DECIDE NADA, NÃO DETERMINA NADA, ENTÃO OLHA PARA OS PONTOS, VÊ ALGUMA COISA! O QUE VOCÊ QUER ELA DISSE, O QUE VOCÊ QUER? ELA PERGUNTOU, DESSA VEZ CANSADA, CANSADA DO QUE? DE MIM?← PROVAVELMENTE. ESTOU....ARDIDA. QUASE QUEIMADA MAS NÃO TAMBÉM. NÃO VALE A PENA, MAS QUEM DIRÁ QUE VALE A PENA, VAI SE VAI MAIS OUTRO PONTO. DOLOROSO, PARA!☞ PORRA, SIGNIFICA DAR OUTRA DOR... OUTRA PESSOA. CONFUSING. VAMOS FAZER AQUILO QUE GOSTAMOS DE FAZER! DE NOVO? ELA NEM SABE O QUE É. JÁ FIZEMOS ELA SIMPLEMENTE NÃO VÊ O QUE EU ESTOU VENDO, ELA SIMPLEMENTE NÃO ME VÊ”

(texto descartado para dramaturgia Submarino, autoral)

Foi o primeiro rascunho do texto, sem correções e com “chutes” de pontuação, mas quando reli, vi que algumas partes, com o intuito do texto ser saboreado, coloquei lembretes ou marcações como uma composição de texto. A seta para esquerda, mas também para direita é marcada como ênfase. O símbolo de retorno é repetir a palavra (ou frase), podendo ser igual mas com abertura como aconselhamento de procurar outra coloração ao proferir. Não repito em todas as escritas pois eu estudo outras cores antes de fixar, aqui foi uma exceção de vontades no momento com intuito de como seria.

Era um acordo no grupo de criação (~~grupo de dois~~) o texto pode ser mais ou ele guarda rancor? Ele não segue se guardar rancor, a compreensão já desconecta se não é o seu ~~estilo~~ jeito afeiçoa ao trabalho, não funcionou, é um descarte se não trouxe nada novo.

Mas ficou comigo, será que uma interpretação poderia chegar em alguém ou é devaneios de escrita própria, impossíveis de compreender? Será que esses devaneios poderiam ser uma dramaturgia? A própria encenação combinava com a minha escrita até certo ponto.

não poderia negar que era confuso para uma, mas na colaboração de duas...

E depois brincar com os gêneros pois vamos, às vezes, de....

Já imaginou como é se afogar?

eu já me afoguei

demoram muito pra notar, muito pra fazer algo

senti a maior vergonha da minha vida

isso foi a muito tempo

foi muito pequena

tiraram fotos

ela ainda tá por aí, naquela caixa

você lembra?

fiquei toda vermelha

era hora do almoço

ainda não sabia nadar, eu imagino

como seria

nadar, saber nadar e ainda sim, afogar

seria uma morte? um tipo de morte com causa, mas quem a causou

a água, certo?

demoraram pra me pegar

ouviu? *tô presa*

não tem nada ali

eu tenho que falar primeiro para você saber que tá tudo bem

e você tem que ouvir segundo pra ter certeza do que ouviu

?

Responde

Responde

Responde

Qual é a pior coisa que sua irmã já fez?

—

(Trecho de Submarino, por eu Clara Alves)

e em outra cena, é diferente como em....

(Outro momento. Lua e Clara se preparam para arrumar o cenário.)

LUA

Me ajuda com o sofá!

CLARA

Eu não vou arrumar essa bagunça depois.

LUA

Tá, para de reclamar!

As duas empurram o sofá para o canto e organizam o jogo.

(Trecho de Submarino, dramaturgia por Clara Alves e Lua Bentes)

Foi o primeiro rascunho do texto, sem correções e com “chutes” de pontuação, mas quando reli, vi que algumas partes, com o intuito do texto ser saboreado, coloquei lembretes ou marcações como uma composição de texto. A seta para esquerda, mas também para direita é marcada como ênfase. O símbolo de retorno é repetir a palavra (ou frase), podendo ser igual, mas com abertura como aconselhamento para procurar outra coloração.

e depois vira mutações, a maneira escrita é biográfica, a dramaturgia que não é, sofre com isso, dá palco de incertezas e portas para improvisos, na procura que terei a individualidade

na encenação do resto das outras. "Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual, particularmente a história de sua personalidade" (1975: 14). Lejeune consta do Pacto Autobiográfico que deve existir entre o autor e o leitor em não ser pragmática a pensar só nisso, ao se referenciar de sua própria obra, é sobre buscar em atos de reconhecimento. "Mas o ato de definir a autobiografia, e consequentemente de levá-la a sério, de respeitá-la, de reconhecer nela um território de escrita" (LEJEUNE, 1975: 108). A fidelidade da autobiografia em seus trabalhos coloca essa perspectiva de análises individuais e como artista, essas duas ruas sempre querendo ser uma, podem ser duas, se eu não achar estranho e errado, pode coexistir com a estrutura que a parceria coloca em perspectiva no trabalho.

A perspectiva do trabalho da minha colaboração de dramaturgia já estava em estradas diferentes, no caso, linguagens diferentes mas que resultou que o naturalismo¹¹ na escrita parecesse com surrealismo¹² nas cenas de monólogos, nunca houve divergências de desenvolvimento. Dei a sugestão para a outra dramaturga do espetáculo, "*Submarino*", Lua Bentes escrever cenas em que estou sozinha. Percebi que ao escrever, os textos viravam diálogos e o da Lua, se tornaram monólogos.

Trabalhos como de *Stabat Mater de Janaina Leite*, onde são longos textos com poucas intenções instruídas mas também depois, terá um comando de foco de luz e depois uma caixa de diálogos entre o *Ator* e a *Atriz*, e em seguida a *Palestrante* narra seus seguintes passos até o fim, e acontece, chega até a mim a realização do trabalho dramaturgico onde funciona e como ele se coloca como próprio.

Não quero fugir da arrumação da estrutura, mesmo que aconteça, mas se não tiver espaço, eu me coloco em outros momentos que é me permitido. Mas... "(...) Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, sou fiel a minha verdade" (LEJEUNE, 1975: 104). Qual é a minha verdade? Esses fragmentos escritos poderiam se tornar outra coisa e permitiria de acontecer? Eles aconteceriam. Lua Bentes, o outro lado da escrita da dramaturgia puxaria para o seu lado, e quando eu puxasse pro meu?

2.2 Segue o Personagem/Personagens na trilha

11 Teatro Naturalista: A criação mais perto da realidade nos palcos com mecânicos e técnicas

12 Teatro Surrealista: Valoriza a fantasia, loucura, sem a preocupação com espaço e tempo.

Para escrever tanto os fragmentos da dramaturgia e neste artigo, e me vejo em um encontro que conversava em ser um Autor Rapsodo, conceito desenvolvido pelo teórico francês Jean-Pierre Sarrazac para o teatro onde “recusa a coalescência da personagem de teatro da pessoa humana” (2002, 44). Eu digo no modo conversar, quase um flerte, pois suas Leis não me traziam o entendimento das minhas leis, porém trazia a negação da dramaturgia contemporânea decolonial na antiga clássica colonial no seu modo de produzir, ele diz sobre a personagem incompleta, para ser construída, é o que assimilo com a dramaturgia.

Eu joguei, eu puxei pro meu LADO, tinha dois a 5 arquivos salvos, eu abria a minha caixa de notas e também o meu arquivo de uma estrutura fragmentada. As irmãs de **Submarino** estavam em quantidades de excesso para chegar no seu ápice, sem nunca conseguir alcançar, em cada um dos fragmentos, era a repetição de seus desejos e com função de serem estudadas. Me vejo numa situação parecida com Sarrazac.

“É assim que tudo se passa a partir do momento em que o diálogo está falseado: cada um retém do outro apenas os apartes, apenas as palavras que lhe são o menos possível destinadas; o sujeito falante, por seu lado, deve convir que só fala sem se aperceber. Em vez de juntar a personagem, a sua própria palavra acaba por a desunir.” (2002, 66)

Ele aponta que o personagem está ouvindo menos e vira uma *confusão* e o **conflito** com outras linguagens da encenação, que no caso do Sarrazac, no beckettiano¹³. Os nossos textos seriam grandes monólogos para dois personagens, substituindo uma concepção na estrutura “tradicional”, inicialmente, e após um tempo, o diálogo se instaura, e depois, as intenções parecem ser mais fortes que as falas e em outras cenas, as marcações e movimentações estão com o seu espaço devido, com uma importância maior que outros detalhes. Mas estava apegada a seguir as personagens em sua longa e cheia de obstáculos de trilhas, precisávamos cortar e pegar um atalho, mas a autonomia estava no meio da trilha com uma placa avisando que não seria uma dramaturgia original e pouca prática de sair e pensar mais.

Com adição com a discussão antes de, originalidade e semelhanças e individualidade no autoral que encontro ser sobre o auto-respeito, será que eu estou ouvindo, e pouco praticando, isso é ser egoísta?

...

¹³ O teatro beckettiano de Samuel Beckett, um dos principais autores do teatro do absurdo.

...

...

...

...

...

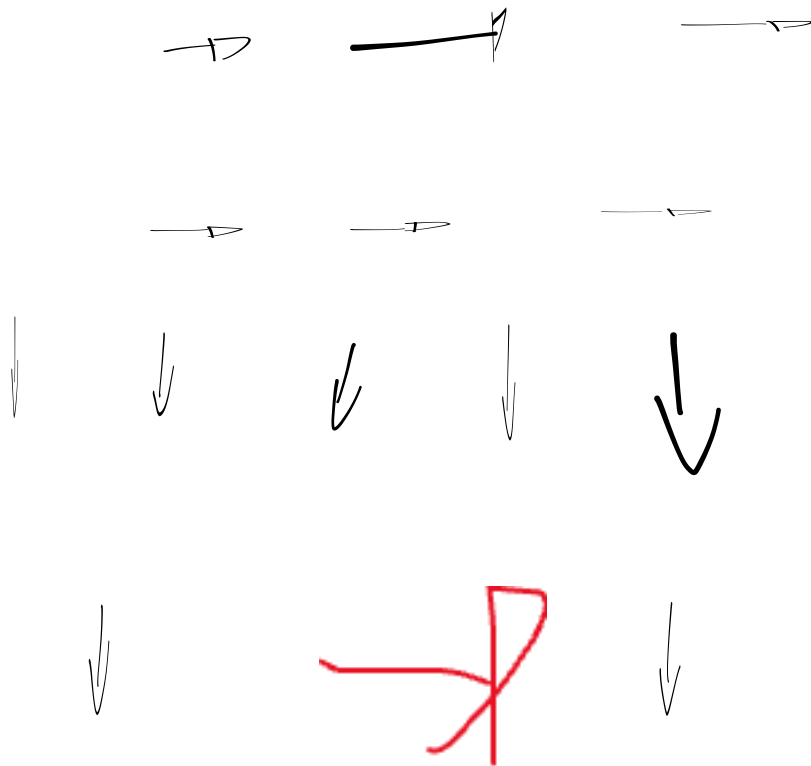
....

.....

.....

.....

.....



3. SENDO EGOÍSTA OU RESULTADOS OU ME CONVENCER

3.1 - A cena que inicia o espetáculo é a seguinte:

Duas irmãs estão em casa, no mesmo sofá, sob um foco de luz. Elas respondem a perguntas sobre suas vidas, seus objetivos e seu relacionamento. À medida que a conversa avança, fica evidente que estão em uma situação frágil: raiva, cansaço, e a tensão só aumenta a cada pergunta. A última pergunta é: "Qual é a pior coisa que a sua irmã já fez?". A irmã mais velha responde, enquanto a mais nova se recusa a falar. **Fim da cena 1.**

É uma cena longa, e a improvisação na atuação aparece no meio do diálogo. A escrita, por sua vez, descreve o que essas perguntas revelam, e fornece a primeira impressão do espetáculo. Ela deveria mostrar como os personagens se movem e o que os motiva, mas se torna repetitiva. Você começa a perceber as falhas e tenta reconhecer o texto por trás disso.

Nos últimos dias de pesquisa, durante os ensaios e após a primeira apresentação, nas conversas e nos **feedbacks**¹⁴ recebidos, percebi que, na primeira célula do espetáculo — aquela que deveria estabelecer as personalidades e os desejos das personagens — tudo estava **excessivamente** esticado. Eu estava propondo muitas cenas que poderiam ter sido mais concisas, se não fossem algumas falas e sentimentos que se repetem ao longo do espetáculo. **Confissão:** Eu sabia que precisaria mudar, mas demorou para eu me convencer disso.

3.2 Me Convencer

Meus argumentos serão.. estou respeitando o trabalhome entendendo com ele... mas um objetivo que surge nesse ponto, é que talvez eu queira onde, leitores entendam.

Isso abraça tanto para a pesquisa tanto quanto dentro do grupo, estava *convencida* a estar convencida para as últimas semanas, os últimos seis ensaios, eu reli, analisava outras dramaturgias, revisitar sobre o que ocorreu, voltava para cá e tinha dias que simplesmente era Nada. Entrava no buraco que surgiu no meio da praia no sol quente e não saia até de ter os

¹⁴ traduzido para o português a ponta da língua, "de volta". Diagnóstico dos pontos positivos e negativos sobre o produto/trabalho.

argumentos prontos que a última coisa a fazer de mudanças (**grandes**) no espetáculo.... será a cena que inicia ele.

“Meus argumentos serão realmente convincentes? (...) Mas será que se trata de fato, convencer? Isso é uma discussão ou um conflito?” (LEJEUNE, 2008: 104). No meu caso, o que começou como uma discussão se transformou em conflito. Eu já sabia da necessidade disso há algum tempo, mas a questão era: quem eu estava tentando convencer? Era sobre a minha própria reação e a percepção dos outros, ou sobre mim mesma? Volto a esse questionamento, que acabou sendo esquecido porque, para mim, já não parecia mais relevante. A verdadeira necessidade era ser **egoísta**, convencer a mim mesma, e falar tanto sobre minha autonomia como escritora quanto sobre o início de uma luz que surge no buraco da praia — o momento em que a escuridão começava a se dissipar. Estava no fim.

Cheguei no ponto em que nunca estaria satisfeita e tudo bem, é uma mente do dramaturgo contemporâneo funcionando, é um processo que nunca pararia e teria abas para ser mais e investigar no futuro outras **cores** mas carregaria a dramaturgia preparada para o que vem agora.

3.3 Voltando ao Sendo Egoísta (acho)

“O dramaturgo só poderia traçar esta língua corporalizada **forçando** as regras e as convenções da Escrita.” (SARRAZAC, 69, destaque meu). O caminho de volta para Jean-Pierre (uma última vez) e a entrada na liga dos autores rapsodos fazem parte do processo de reencontrar os desafios: quais são nossos limites, nossos inimigos e quem serão os próximos. De qualquer forma, os fragmentos e nossas **subjetividades** impõem que somos nós mesmos, e apenas nós podemos perceber e “**forçar**” essa compreensão. Foi isso que levei tempo para entender — algo que analisei inúmeras vezes, mas que parecia não levar a lugar algum, pois não havia uma brecha; eu precisava criá-la.

As cenas com os meus textos entraram, não havia outra alternativa. Era minha chance, no final das contas. Eu finalmente estava começando a me convencer de que poderia acontecer **hesitação**. A cena inicial, então, torna-se uma apresentação — não um mero “vômito” de informações. Não era isso que o texto pedia.

Na primeira cena do espetáculo, ela já responde antes que todo o resto da narrativa comece a se desenrolar. Agora, transmite aos primeiros contatos um convite para o restante do

espetáculo, na qual a dramaturgia caminha em todas as direções e o desenvolvimento passou por elas e deixou o trabalho fixo mais “solto”.

REFLEXÕES finais

Reconheço que em vários pontos poderiam ser aprofundados, como atriz do espetáculo **Submarino**, os registros parecem ser poucos, teve muitas células, mal começava, e nunca viu outras águas, e a seguir de outras respostas, a análise se moldou para um lado e a investigação da pesquisa necessitava de outros, desses aqui, espero que no futuro próximo traga outras perspectivas e o do tema deste artigo seja **aprofundada**. Um convite?

Vi como artigo se transformando junto comigo, os riscos, *pensamentos excluídos*, *notas*, que vai crescendo e fazendo parte, era pequeno mas a procura e aceitação faz o crescer, mas tentar não deixar tão grande pois ainda deixo na **pontuação** e em seus devidos lugares de acordo com as normas e colocando com os rabiscos refletirem como se eu escrevesse o artigo a mão como minhas escritas.

A partir de vários terrenos e de diversas **texturas** que cada um leva para uma experiência pessoal, e isso expande **campos** da dramaturgia cada vez mais, especialmente da **autonomia** e isso já reflete na **criação** dramatúrgica contemporânea. Entendo isso como só mais uma maneira de levar em reflexão que não está puxando para trás, só dando uma espiada para levar para frente, haverá *semelhanças*, irão falar isso, será provável de acontecer, mas não irá criar uma de você, autor, criador, ator dramaturgo, se não ver o papel velho mais uma vez, veremos eles até em muito tempo para seguir, mas subjetividade vai acompanhar daqui para frente nos registros de novas terras.

SUBMARINO

por

Clara Alves e Lua Bentes

(versão oficial que não é a final)

2024

PERSONAGENS

CLARA

1. **CORPO.** Aparenta resignação e tranquilidade em viver uma vida pacata. Sem grandes sonhos, ela teme apenas a solidão da vida adulta e se enraivece ao ter que lidar sozinha com as responsabilidades.
2. **ALMA.** Almeja uma vida grandiosa, tem a necessidade de conhecer o mundo. Deseja a emancipação, quer esquecer o passado e ter uma nova vida.

LUA

1. **CORPO.** Aparenta uma grande alegria em dividir os dias com a irmã. Sempre bem-humorada, engrandece coisas simples do cotidiano. Não gosta de cobranças externas e prefere pensar no que pode fazer no presente, sem planos obstinados para o futuro.
2. **ALMA.** Deseja a presença da irmã para continuar existindo. Sendo apenas um fantasma, não tem planos para o futuro e tem medo de que a ausência da irmã lhe faça desaparecer.

CENÁRIO: Sala de estar. Sentadas no sofá

1. CENA INICIAL

Já imaginou como é se afogar?

eu já me afoguei

demoram muito pra notar, muito pra fazer algo

senti a maior vergonha da minha vida

isso foi a muito tempo
foi muito pequena
tiraram fotos
ela ainda tá por aí, naquela caixa
você lembra?
fiquei toda vermelha
era hora do almoço
ainda não sabia nadar, eu imagino
como seria
nadar
saber nadar e ainda sim. afogar
seria uma morte? um tipo de morte com causa mas quem a causou
a água, certo?
demoraram pra me pegar
OuvIU? tô presa
não tem nada ali
eu tenho que falar primeiro para você saber que tá tudo bem
e você tem que ouvir segundo pra ter certeza do que escutou
?
Responde
Responde
Responde

Qual é a pior coisa que sua irmã já fez?

Era uma vez uma garota muuuito curiosa.
Todos os dias ela saía para passear na floresta com sua irmã. “Não vá muito longe”, avisava a irmã. “Toma cuidado”, avisava a irmã. Mas a garota queria explorar, cada vez mais. Certo dia, ela viu um coelho branco passando apressado com um relógio de bolso. “Tá tarde, tá tarde, tá tarde”, ele falava. Curiosa, a garota seguiu o coelho até sua toca. Ela olhou, olhou e pensou: nossa, que buraco enorme! Assustada pela desconhecido, ela se vira pra ir embora. Quando de repente, NHAC! Foi engolida pela escuridão.

Qual a pior coisa que a minha irmã já fez?

2.JOGO

(Outro momento. Lua e Clara se levantam para empurrar o sofá.)

LUA

Eu sou um ser mágico

CLARA

Você é menino?

LUA

Sim

CLARA: Você tem poderes?

LUA: Mais ou menos

Clara: Conto de fadas?

L: SIM

C: é um velho?

Não...

É um ser mágico?

Eu já disse que sim

Tem uma cor predominante na qual é famoso por?

SIM

Está em algum grupo?

sim?

Você tem muitas responsabilidades?

Não

É você mesmo

não é

Ok....você é alto?

Que...não

...

Você é o Peter Pan

SIM

A sua cara

Como assim

Deixa pra lá

MINHA vez

Ta

Pergunta

Você é popular

muito

Você é menina?

sim

(as perguntas se seguem até o resultado)

É um conto de fadas?

Sim

Você é a Cinderella?

Eu sou

A sua cara

Hum

Mais uma?

Não, coisas pra fazer, fazer comida, limpar a casa, receitas novas e passar a roupa e..

tá, perai mais um jogo...já, sei, pega uma garrafa!

CLARA

já tá inventando...

LUA

Pega logo

LUA

Funciona assim: a gente vai fazendo perguntas de adivinhação, o que cair dentro da garrafa vai acontecer no futuro.

(acaba quando a desanimação da personagem da Clara vindo a toma e ela simplesmente se deita no sofá)

Cena 3: No sofá, a personagem 1 se joga relaxada.)

1: Clara

2: Lua

Personagem 1:

(com um suspiro)

Não vou fazer mais nada hoje.

Personagem 2:

O quê? Nada?

Personagem 1:

Isso mesmo, nada.

(pausa, pensativa)

Nem cozinhar.

Personagem 2:

Nem cozinhar? E a comida?

Personagem 1:

Não. Nem quero ouvir o som da vassoura escorregando no chão, nem ver um pedacinho de madeira dela perto de mim.

(fazia um gesto de afastamento)

Me deixa em paz.

Personagem 2:

(rindo levemente)

Precisa limpar....

Personagem 1:

(interrompe, com uma risada contida)

SHH! Olha como a luz amarela muda pra branca nesse ângulo. Você já reparou nisso? É incrível.

Personagem 2:

(ignorando ela)

Precisamos de um sofá novo, né? Esse já tá horrível.

Personagem 1:

Um sofá novo? Não, precisamos de uma casa nova.

Personagem 2:

Casa nova?

Que casa?

Personagem 1:

(com um sorriso)

Ah, só o tempo dirá. Aliás, tenho uma ideia de receita de bolo nova que quero tentar.

Personagem 2:

(cética)

Mesmo que você cozinhe, bolos não são o seu forte.

Personagem 1:

Shh. Vai dar certo dessa vez, eu prometo. Não vai ter casca, não vou exagerar nos ingredientes, vai ficar maravilhoso.

2:

(observando e com um olhar desconfiado)

Para acontecer precisa sair daí né?

Personagem 1:

(rindo sem parar, mas sem explicar)

Tudo preciso sair daqui para acontecer, irônico né?

Personagem 2:

(perplexo)

Mas o que é engraçado?

Personagem 1:

(entre risos)

Ai, não sei... Não faz sentido, eu sei... mas é engraçado.

Personagem 2:

(irritado, mas tentando manter a calma)

Acho que você está precisando de alguma coisa. Não sei, tipo... tudo?

Personagem 1:

(rindo ainda mais, despreocupada)

Ai, meu Deus, você tá querendo que eu faça tudo, né? Não vai dar!

Personagem 2:

Não era isso que eu ia falar.

Personagem 1:

(deitada, relaxando ainda mais no sofá)

Já que você tá aí e eu tô aqui, vai fazendo as coisas, vai.

(de forma tranquila)

Ninguém vai me puxar daqui.

(Cena continua: Personagem 1 começa a rir sem parar. Personagem 2 tenta puxá-la do sofá, mas ela está tão relaxada e pesada de tanto rir que fica difícil. A cena termina com Personagem 2 tentando, com esforço, puxar a

outra para fora do sofá, mas com sucesso. E ela fica parada olhando pro nada como se o humor dela tivesse cessado.)

4. MAR

(Foco de luz em Lua)

LUA

Eu sempre quis conhecer o mar. Ele parece ser tão brilhante de perto. Mas eu sempre tive muito medo. Sei lá, vai que eu me afogo. Eu até fiz natação quando era criança, mas eu não lembro quase nada de como faz pra nadar. Porque é difícil! Pode parecer fácil, mas é difícil. A gente precisa achar um equilíbrio entre boiar e se movimentar; entre a coordenação motora e a respiração. É um trabalho em conjunto, para você sair do lugar, precisa estar em movimento. Senão você afunda. Você não pode ficar parado... senão você afunda.

Eu tenho um sonho recorrente em que tô nadando, nadando e do nada eu começo a afundar. É assustador. Eu começo a gritar, gritar, e por algum motivo eu não me afogo, mas sonho é meio doido mesmo, né? Então eu fecho os meus olhos e vem o silêncio. Um silêncio que eu nunca tinha experimentado, como se eu estivesse dormindo. Mas eu ainda tô no mar, eu sinto a água me levando. Então eu abro os olhos e acordo.

4. PING PONG

(Foco de luz revela Clara na parte de trás do palco, arrumando objetos e fazendo tarefas domésticas.)

LUA

(Para a plateia) Cê acha que tá bom? Ou tá muito dramático? Eu acho que eu pesei a mão nesse final.

CLARA

Sim, eu gostei!

LUA

Tem certeza? Eu acho que tá faltando alguma coisa. Sei lá, talvez se eu acrescentar uma frase aleatória no final fique bom.

CLARA

Acho que senti falta das sensações que o mar causa. O que é esse mar? Como ele reflete no seu corpo?

LUA

Acho que o texto não é bem sobre o mar em si. Eu poderia descrever literalmente o que ele é, mas seria um texto frio e não teria nada da minha personalidade.

CLARA

(Distraída) Aham. Acho uma boa.

LUA

O que você tá fazendo aí atrás?

CLARA

Bobagem, nada demais.

LUA

Eu vou acrescentar algumas palavras bonitas. Tá, me ajuda a pensar. Deletério. Cornucópia. Eu me sinto... uma cornucópia.

CLARA

Acho que seria uma boa você escrever com o dicionário do lado.

LUA

Não atrapalha meu processo criativo, tá bom? “*O homem é o lobo do homem*”. O que você acha de “lancinante”? É forte, impactante. Transmite verdade.

(Observa Clara indo embora) Ei, e aí? É bom? Ou não? Não gostou dessa palavra...? Não entendi.

(Para a plateia), olha, eu tô tentando criar algo legal, tá? Eu me inspiro muito no Paulo Leminski. É simplesmente incrível. **(Vai até a estante e pega um livro)** Vou ler um trecho pra vocês.

Antigamente se morria.

1907, digamos, aquilo sim é que era morrer!

Morria gente todo dia, e morria com muito prazer,

Já que todo mundo sabia

Que o juízo, afinal, viria,

E todo mundo ia renascer.

Morria-se praticamente de tudo.

De doença, de parto, de tosse.

E ainda se morria de amor,

Como se amar fosse morte.

O escândalo era de praxe.

Mas os danos eram pequenos.

Descansou. Partiu. Deus o tenha.

Sempre alguém tinha uma frase

Que deixava aquilo mais ou menos.

Tinha coisas que matavam na certa.

Pepino com leite, vento encanado,

Praga de velha e amor mal curado.

Tinha coisas que tem que morrer

Tinha coisas que tem que matar

A honra, a terra e o sangue

Mandou muita gente praquela lugar.

Muito bonito, né? Eu também gosto bastante da Clarice. **(Vai até a estante e pega um livro)** Ela é um pouco diferente, mas eu gosto mesmo assim.

Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande.

O silencio é tal que nem o pensamento pensa.

O final foi bastante grandiloquente para a vossa necessidade? Morrendo ela virou ar. Ar enérgico? Não sei. Morreu em um instante.

E agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu deus, só agora me lembrei que a gente morre.

Mas o melhor de todos é o Paulo Monteiro. Vocês vão ver. A escrita dele é absurda. *(Vai até a estante e pega um livro)* Preparem os lenços, porque esse...é triste. Bem triste.

(Um papel cai de dentro do livro. Lua examina o objeto. É uma carta. Lê o conteúdo atentamente. Lua se senta na poltrona, pensativa. Fica em silêncio por alguns minutos.)

5. ESCUROS E LANTERNAS

ELA NÃO DEIXA EU TOCAR PRA PRATELEIRA DEPOIS QUE VOLTA PARA LIMPAR, MAS EU JÁ SEI, MAS ELA NÃO SABE O QUE EU SEI, EU PENSO NO QUE ELA TÁ PENSANDO, ELA IRÁ CONTAR?

que tá fazendo?

como sempre, limpando essa casa, já que você não faz nada

e depois?

depois de limpar a casa?

sim

dormir ué, comer, descansar. Pois? quer alguma coisa?

Não... só querendo saber..

sempre curiosa, tem certeza que não quer falar nada?

não, e você, quer falar alguma coisa?

sim

sério?

está quente e você está usando roupas demais.

ta, mais alguma coisa?

não entendo como consegue, e é o dia todo, parece que quer esconder
algo

falar nisso, tem certeza que não quer me falar mais nada?

eu tenho e você, não quer falar nada? algum problema ou situação, to
aqui viu.

to bem, não parece? ta, deixa.

(elas trocam de lanterna)

ela esconde muito bem, mas porque ela não quer falar? ela tá mentindo e
nunca irá falar, irá se esconder atrás do pano de chão pra sempre.

será que ela sabe? não... ela só é curiosa e está em momentos
difíceis, não a nada a temer.

tira o blackout

7. BRIGA OU TIROS DE PENSAMENTOS?

Elas se encaram, como se esperassem a outra falar em voz alta.

A personagem 2 questiona que ela encontrou o passe, quase livre, para sair de casa de sua irmã, questiona.

Personagem 1 diz que ia contar, no momento certo, ela tenta dizer todas as vantagens de cada uma cuidar de sua vida, ser independente;

2 começa a ficar desesperada e vomita palavras horríveis, é cruel mas está magoada e 1 sabe, mas também diz coisas sem sentido como se também não fosse sobre 1, mas também sobre 2.

- Você sabe que é culpa sua né?

5. BOLO

(Clara está no centro. Leva uma mesa e ingredientes para bolo. Enquanto faz o bolo, ela fala e piora e piora)

Tem dias que eu acordo e nem sei se **EU** sou **EU**. As horas passam, a vida muda e eu aqui, sem saber o que vestir. É engraçado pensar num momento em que eu fiz algo que foi além do que esperavam de mim.

Eu fiz TUDO o que esperavam. Mas eu não me sinto inteira. Eu fiz tudo pra ajudar. Mas eu não me sinto inteira.

Talvez ser você seja ser rebelde, sei lá. Eu não consigo imaginar, sabe? A minha forma sem os apontamentos que fizeram pra mim. Eu tô esvaída de...

Eu não sei mais quem eu sou.

Dizem que a procura de si demora uma vida inteira. Eu ainda posso me encontrar. Eu ainda tenho tempo.

Mas penso em todo o tempo que eu perdi e me sinto mal. Pode não parecer muito, mas eu juro... eu não quero cometer os mesmos erros.

Agora a gente tem a mesma idade. E eu não sou mais criança.

(Clara prova a massa do bolo, ela tenta acender uma vela mas vai em vão, se afundar na massa e todos os ingredientes, coloca na estante e olha para a sala de estar mais uma vez e senta no sofá)

6. DANÇA

(O clima da cena é de reconciliação e apoio. Para acalmar sua irmã, Lua começa a instigar uma dança. Desengonçada, dança o começo da música e chama a irmã, que permanece relutante. Clara em algum momento cede e elas começam a dançar juntas. Sintonizadas, elas cantam trechos exasperados. A música acaba. Fim do show. As duas se encaram por um longo momento.)

CLARA

Eu vou embora.

6. MONÓLOGO LUA 2

LUA

Eu sempre quis conhecer o mar. Ele parece ser tão brilhante de perto. Mas eu sempre tive muito medo. Sei lá, vai que eu me afogo. Eu até fiz natação quando era criança, mas eu não lembro quase nada de como faz pra nadar. Porque é difícil! Pode parecer fácil, mas é difícil. A gente precisa achar um equilíbrio entre boiar e se movimentar; entre a coordenação motora e a respiração. É um trabalho em conjunto, para você sair do lugar, precisa estar em movimento. Senão você afunda. Você não pode ficar parado... senão você percebe que já afundou

Eu tenho um sonho recorrente em que tô nadando, nadando e do nada eu começo a afundar. É assustador. Eu começo a gritar, gritar, e por algum motivo eu não me afogo, mas sonho é meio doido mesmo, né? Então eu fecho os meus olhos e vem o silêncio. Um silêncio que eu nunca tinha experimentado, muito bom, daqueles de como se eu estivesse dormindo. Mas eu ainda tô no mar, eu sinto a água me levando. E eu só....

7. MEMÓRIAS (PROJEÇÃO)

8. DESPEDIDA

(Lua está na frente, enquanto Clara ao fundo, retira os objetos da casa e guarda em caixas de mudança. Lua começa a cantar Última Vida Submarina.)

Alguma coisa mudou nosso vento
Ninguém soube a hora certa
Ninguém vai tentar de novo
Mas vou chorar por isso
Mas vou chorar
Eu não posso mais passar por isso
Me gastando em tentativas de futuro
E agora? E agora?
Comecei a navegar e nada
Porque tudo me parece incerto
E essa culpa percorrendo a calma
Sua falta me deixando mudo
E as ideias corroendo a casa
E o futuro me fazendo um medo
Ela descobriu
Que mesmo sozinha vive bem
Eu não entendo
Nada é tão fácil pra mim
Eu não sou tão bom
Mas isso
Fosse bem melhor não ser nós dois
Que sonhar não era ser concreto assim

Eu vou te guardar em tudo que não foi
Mas que eu tanto fui, que eu tanto quis
E eu preciso tanto das pessoas
Eu preciso tanto disso
Meu submarino sou eu
Minha força de sonhar sou eu também
Porque quando todos vão embora
Eu me tranco aqui e tudo bem
Meu submarino sou eu
Minha força de sonhar sou eu também
Porque quando todos vão embora
Eu me tranco aqui e tudo bem
Outra viagem pra me colorir
Pra gostar de alguém
E o fundo das coisas pra me enganar
Pra não existir mais
Os bares fechados pra nós
As horas correndo
Os cursos mudando pra nós
Pessoas mudando
As portas fechando pra nós
Os olhos abertos

(Personagem 1/ Personagem da Clara sai de cena, levando as caixas de mudança consigo. Personagem 2/Personagem da Lua permanece em cena, sozinha. Com o cenário vazio. Luzes apagam.)

Fim.

Referências

BUARQUE, Aurélio. **MiniAurélio. 7 edição do Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Editora Positivo. 2008.

LEITE, Janaina. Dramaturgia: *Stabat Mater*. São Paulo, 2018.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique.** Paris: Seuil, 1975. [O pacto auto-biográfico. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008]

PAIS, Ana. **O Discurso da Cumplicidade: Dramaturgias Contemporâneas.** Edições Colibri, Lisboa, 2004.

SARRAZAC, Jean-Pierre. **O Futuro do Drama - Escritas Dramáticas Contemporâneas.** Campo de Letras, 1 Edição, Porto, Portugal, 2002).

SILVA, Ana Amélia Brasileiro Medeiros. **A experiência do monólogo, autoria e construção em si.** Rio de Janeiro, 2003.

SOUZA, Márcio. **Curso de Dramaturgia.** SEBRAE, SESC, Amazonas. 2010.